

FROM PORTUGAL  
TO YOU

# umbigo

umbigomagazine.com



00066



5 1607727 019404

## PAULIS LIEPA

ART PROJECT - MYSTS OF TIME

DOSSIER RIGA: RIBOCA; LATVIAN NATIONAL ART MUSEUM; SURVIVAL KIT ...  
SIMPÓSIO ARTE & SUSTENTABILIDADE / ART & SUSTAINABILITY SYMPOSIUM,  
SARAJEVO NOW, DIALOGUES - MNHNC X PEDRO SEQUEIRA, JÜRGEN BOCK,  
ART IN THE ANTHROPOCENE, RUI CHAFES & ALBERTO GIACOMETTI ...



# Jürgen Bock

## Da pirâmide invertida On the inverted pyramid

| PT |

**Foi no início da década de noventa que o convidaram a dirigir uma associação cultural lisboeta recentemente estabelecida. Por essa altura, já vocacionada para o ensino artístico, mas ainda centrada na expressão fotográfica. Jürgen Bock cumpre vinte e cinco anos à frente da Maumaus. Quando o futuro não é certo, persiste a certeza de que o há. Pois que a Maumaus está para ficar. Foi pela Maumaus que ficou. Eis um pouco – tão pouco – de uma entrevista que é muito e mais.**

Depois de vinte e cinco anos longe do território dito originário, acredita que a experiência interseccional afirma uma sensibilidade peculiar e constitui, nesse sentido, a imagem identitária de quem escolhe viver *entre*?

Acho que toda a gente que decide viver no “estrangeiro”, ir para outro lugar, deixar o sítio onde nasceu e recriar-se noutra, vê-se a si mesmo numa situação de intermediação, um termo que aprendi com Ângela Ferreira. Ela trouxe este conceito da África do Sul no início dos anos noventa, na altura em que cheguei a Portugal vindo da Alemanha. Provimos de origens diferentes, mas sentiamo-nos ambos intrigados com certos fenómenos em Portugal, perante os quais lutámos por compreender e por nos adaptar. Agora, através de uma intermediação necessariamente adquirida, detenho uma certa sensibilidade que considero ter enriquecido muitíssimo a minha vida. Por outro lado, isto tem que ver também com a forma como a minha vida se desenvolveu nas circunstâncias que encontrei ou que pude criar em Portugal. [...]

Por esta altura, tendo em conta o que tem testemunhado, acredita que é possível escutar o grito do mundo – “*Écoutons le cri du monde* [...]”, como propõe Édouard Glissant – através da arte?

Se tiver vinte pessoas numa sala, encontrará vinte noções diferentes de arte. De momento, acredito que, através

da arte, da literatura e do cinema, com base nos meios de comunicação específicos e inerentes a cada um destes géneros, as complexidades do nosso ser possam ser “negociadas” de forma diferente em relação a outras disciplinas. Bertolt Brecht mencionou que a fotografia de uma fábrica em Berlim nada revela sobre a exploração em curso da classe trabalhadora. Insistiu que algo artificial deve ser criado para se aproximar do real, que nos podemos envolver com o real de uma forma mais apropriada através do abstrato.

De acordo com a informação difundida, a Maumaus tem promovido – não só, mas também – uma reflexão crítica sobre a realidade colonial, debatendo naturalmente a vertente pós- e a vertente neo-, a partir de uma abordagem transdisciplinar. Até que ponto tem contribuído para a designada “descolonização do pensamento”? De que forma o sistema independente tem estimulado o sistema institucional, nomeadamente no contexto português?

A pergunta relembra-me que, há dez anos, instituições como a Maumaus, e algumas outras, incentivaram o governo a reconsiderar o financiamento público de instituições não públicas que atuam no campo da arte e a prolongar o modelo plurianual de financiamento de modo a incluir as belas-artes. [...]

Voltando ao tema do colonial na sua pergunta, quando



começámos a desenvolver uma investigação em resposta a este assunto à luz da história portuguesa, apenas algumas pessoas se mostraram interessadas, por isso havia muito trabalho a fazer para construir um público e um discurso. Um dia, em 1996, um dos palestrantes da Maumaus deixou na mesa de seminários alguns exemplares de um texto do escritor nigeriano Denis Ekpo, intitulado *Como a África Não Compreendeu o Ocidente*. Neste texto, a viragem pós-moderna ocidental foi analisada a partir de uma perspetiva africana. O texto forneceu-me revelações sobre até que ponto as mudanças na Europa, sob as quais compreendemos o mundo, tiveram enormes repercussões no continente africano. Fiquei intrigado com o modo como esta voz não europeia – que não é a de Lyotard nem a de Habermas – me permitiu compreender o quão diferente pode ser a perceção sobre a transição da consciência moderna para a pós-moderna. O que estou a tentar dizer é que eu estava interessado em como as questões coloniais me poderiam ajudar a compreender melhor a minha própria condição europeia, a minha própria socialização, a forma como o meu pensamento foi colonizado. É focar-me nessas questões em Lisboa foi diferente de fazê-lo em Londres, onde há muito eram debatidas, ou em Berlim, onde essas discussões não tinham lugar. Tendo em conta o passado de Portugal – lembro-me perfeitamente do livro *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes –, foi bastante simbólico discutir estas complexas questões no âmbito do Programa de Estudos da Maumaus, com estudantes tanto de Portugal como do estrangeiro. Agora, os tempos mudaram e existe claramente um interesse mais amplo nesta matéria. Muitos artistas e instituições sentem a necessidade de se envolver com o colonial, o pós-colonial e o neocolonial. [...]

Até certo ponto, este discurso tornou-se *mainstream* ou, desculpem o desleixo, o “sabor do mês”, como David Goldblatt explicou uma vez, no contexto do *hype* em torno da África do Sul, numa palestra na Maumaus – embora estes sejam assuntos para uma outra entrevista.

Na Maumaus, sentimos que as nossas ações no passado, em conjunto com outras instituições e personalidades, podem ter contribuído um pouco para ter tornado tudo isto possível, que podemos deter algum crédito sobre essa consciência mais ampla de hoje. [...]

**Quando disserta sobre a especificidade do ensino artístico, Andrea Fraser fala numa função manifestamente contraditória. Segundo um artigo publicado há cerca de cinco anos, onde recorre a esta autora, cumpre à Maumaus a importante tarefa de “inverter a pirâmide”. Depois de um já longo percurso à frente desta escola, acredita no ensino artístico como uma negação deliberada do ensino artístico?**

JB É interessante reenquadrar a sua afirmação à luz do processo de Bolonha e da designada profissionalização de tudo, inclusive da arte. Parece que temos de viver de uma maneira profissional e que ser artista se tornou mais uma profissão entre tantas outras. Essa produção “profissional” de significado nas belas-artes, com a sua aparente preferência pela linguagem promocional em detrimento de uma linguagem crítica “difícil” e até experimental, pode empobrecer a paisagem artística a longo prazo. Talvez a experimentação genuína tenha de ocorrer noutro lugar, o que significaria que o mundo da arte, como o conhecemos no século passado, se vai (auto)desmantelando. [...]

Ele [João Fernandes] alertou-nos sobre a criação de uma

espécie de simulacro do mundo da arte em vez do questionamento acerca do seu *modus operandi*. Hoje, o Programa de Estudos alterou o seu foco, passando da produção de exposições para uma abordagem mais teórica (e talvez mais introvertida). De certa forma, isto também quer dizer que a visibilidade do Programa diminuiu. Reservamos muito tempo do nosso currículo para uma profunda reflexão sobre possíveis alternativas à produção artística e expositiva. Hoje, a maioria dos nossos participantes (este ano tivemos catorze, de oito países diferentes) sentem-se desalentados com os sistemas existentes e anseiam por um lugar onde o pensamento sobre alternativas seja encorajado – mesmo que tenham de atirar muitas ideias internalizadas da escola de arte pela janela, o que, psicologicamente, não é uma tarefa fácil.

A frase “virar a pirâmide de cabeça para baixo” é tirada de uma entrevista com Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, na qual se referem à noção de Brecht do real associado ao indivíduo. Acerca da forma como o individual tem de ser escavado sob os escombros da “matéria de facto”, para defini-lo em relação ao universal. Eles sugerem que, se quisermos progredir, a pirâmide tem de ser colocada de cabeça para baixo. Logo, tratando-se de um interesse específico, por exemplo, no “colonialismo”, este não existe apenas por si só, mas para ser definido em relação ao universal. Desse modo, refletir sobre o colonialismo permite-me pensar sobre as condições da minha existência num sentido mais amplo, para lá do colonialismo.

**“[...] *Lisbon is not fashionable – so far – in the sense that what may bloom today is out of fashion tomorrow; you can find in Lisbon a certain calm beyond the spectacle* [...]”. É o que diz, numa entrevista de há seis anos, a respeito da atividade cultural e da cena artística da capital. Lisboa passou, entretanto, a “*New Capital of Cool*” [The Guardian] e até a “*New Berlin*” [CNN]. Que Lisboa é esta?**

Sim, e há cada vez mais participantes internacionais do Programa da Maumaus que decidem ficar em Lisboa, viver aqui já depois de o terem concluído. Portanto, contribuímos parcialmente para isto. Mas o que está na moda hoje pode estar fora de moda amanhã. Pensando em Amsterdão e em

**Marta Alvim, esquerda/left, em discussão com / in discussion with Antje Ehmann e/and Harun Farocki, Maumaus, Lisboa/Lisbon, 2011. Cortesia de / Courtesy of Maumaus / Lumiar Cité**



**Seminário com / Seminar with Simon Thompson, Maumaus, Lisboa/Lisbon, 2018. Cortesia de / Courtesy of Maumaus / Lumiar Cité (fotografia/photo: Carlos Porfírio)**

Barcelona, a situação pode prolongar-se durante um período considerável. O espetáculo chegou e está em pleno desenvolvimento. Peter Friedl, um observador muito perspicaz e um viajante bastante cosmopolita, sentiu que os portugueses em Lisboa parecem manter a calma e mostram-se deveras indiferentes às mudanças (pelo menos em público). O nosso espaço de exposição Lumiar Cité é um lugar onde os turistas – se forem turistas – só vão se interessar realmente por arte. O nosso programa expositivo não se enquadra na lógica das revistas “*time out*”. Mas talvez uma réplica fechada da pitoresca baixa de Lisboa possa ser construída num dos subúrbios, numa das colinas ou do outro lado do rio Tejo – uma cópia ao estilo de Las Vegas para canalizar algumas das pessoas que chegam ao Aeroporto Humberto Delgado, onde não se confrontarão com os carteiristas do Elétrico 28.

**Foi através de uma publicação partilhada há cerca de três meses [Facebook] que a Maumaus anunciou estar a ser despejada do edifício que ocupa desde a sua fundação. Que será da Maumaus? De que forma se projeta nesta nova Lisboa?**

Estamos a trabalhar arduamente para resolver este problema e a pedir a todos os interessados na existência da Maumaus que nos ajudem a encontrar uma solução viável. A simpatia que recebemos depois deste anúncio foi inacreditável. Embora tenha sido escrito em português, recebemos mensagens de todo o mundo, de pessoas que estavam incomodadas e preocupadas e que nos ofereceram todo o tipo de apoio. A reação em Portugal tem sido tremenda e sentimo-nos emocionados pela forma como as pessoas têm mostrado a sua solidariedade – veio de muitas pessoas, não apenas de ex-alunos e de gente do mundo da arte. Nós, na Maumaus, em estreita colaboração com muitos artistas, historiadores de arte, curadores, filósofos e sociólogos, bem como instituições parceiras dentro e fora de Portugal – por favor, perdoe a minha falta de modéstia – já conseguimos muito e não seremos colocados de parte devido a esta situação particularmente infeliz. Pelo contrário, estamos confiantes de que vamos melhorar substancialmente a nossa infraestrutura e desempenhar um papel na co-definição dessa futura Lisboa que refere – a partir de uma perspetiva crítica construtiva, obviamente. //

**He was invited to run a newly established Lisbon cultural association in the early nineties. By that time, it was already geared towards the artistic teaching, but nonetheless focused on the photographic expression. Jürgen Bock has been leading Maumaus for 25 years now. When the future is uncertain, the certainty persists in what remains. Maumaus is here to stay, after all. Maumaus was the reason why he stayed.**

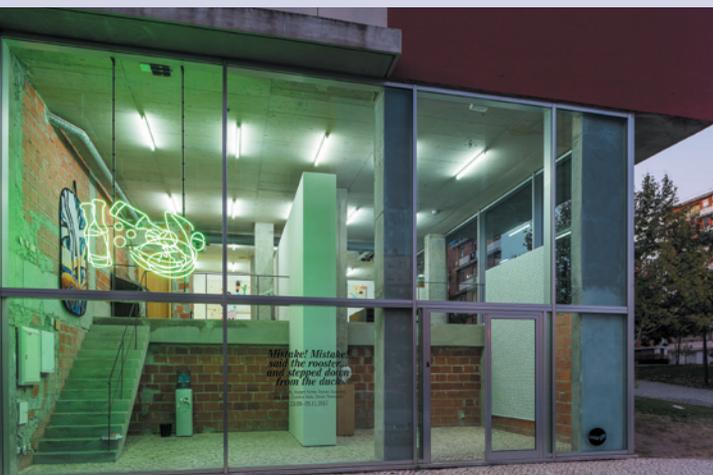
CM After twenty-five years away from the so-called original territory, do you believe that the intersectional experience consubstantiates a specific sensitivity and therefore an identity image of the one who chooses to live *in-between*?

I think everybody who decides to live “abroad”, to go somewhere else, to leave the place where they were born and re-create themselves somewhere else, finds him or herself in a situation of in-betweenness, a term I learnt from ngela Ferreira. She brought this concept with her from South Africa in the early 1990s, at the same time I arrived to Portugal from Germany. We came from different origins, but we were both puzzled by certain phenomena in Portugal, which we struggled to understand and adapt to. Now, with a necessarily acquired in-betweenness, I have a certain sensibility which I consider to have greatly enriched my life. In turn, this also has to do with how my life developed in the circumstances I encountered or was able to create in Portugal. [...]

By this time, in view of what you have witnessed, do you believe that it is possible to hear the cry of the world - “*Écoute la cri du monde* [...]”, as suggested by Édouard Glissant – through art?

If you have twenty people in a room, you will find twenty different notions of art. Now, I believe that through art, literature and cinema, though the specific means of communication inherent to each of these genres, the complexities of our

Vista da instalação / Installation view from *Mistake! Mistake!... said the rooster and stepped down from the duck*, Lumiar Cité, Lisboa/Lisbon, 2017. Cortesia de / Courtesy of Maumaus / Lumiar Cité (fotografia/photo: DMF)



being can be “negotiated” differently from other disciplines. Bertolt Brecht pointed out that a photograph of a factory in Berlin does not reveal anything about the ongoing exploitation of the working class. He insisted that something artificial must be created to get closer to the real, that we can engage with the real in a more appropriate way through the abstract. [...]

According to the information published, Maumaus has promoted – not only, but also – a critical reflection on the colonial reality, naturally debating the post- and the neo- strands, based on a transdisciplinary approach. To what extent has it contributed to the so-called “decolonization of thought”? In what way has the independent system stimulated the institutional system, particularly in the Portuguese context?

Your question reminds me of how ten years ago institutions like Maumaus and a few others encouraged the government to rethink the public funding of non-public institutions working in the field of art and to extend the multi-year funding model to include fine arts sector. [...]

Returning to the topic of the colonial in your question, when we started to develop an investigation in response to this question in the light of Portuguese history, only a few people were interested, so there was a lot of work to do in order to build an audience and discourse. One day in 1996, one of the Maumaus lecturers left some copies of a text by Nigerian writer Denis Ekpo entitled *How Africa Misunderstood the West* on the seminar table. In this text, the western postmodern shift was analysed from an African perspective. The text gave me some insights into the extent to which changes in Europe, in how we perceive the world, had tremendous repercussions on the African continent. I was intrigued how this non-European voice – not Lyotard or Habermas – enabled me to understand how differently the transition from a modern to a postmodern consciousness could be perceived. What I am trying to say is that I was interested in how questions about colonialism could help me to better understand my own European condition, my own socialisation, the way my own thinking was colonised. And focusing on such issues in Lisbon was different to doing it in London, where such discussions had already been taking place for a much longer, or in Berlin, where such discussions



Vista da instalação / Installation view from *Mistake! Mistake!... said the rooster and stepped down from the duck*, Lumiar Cité, Lisboa/Lisbon, 2017. Cortesia do artista / Courtesy of the artist e/and Maumaus / Lumiar Cité (fotografia/photo: DMF)

were not taking place at all. In light of Portugal's past – I remember well António Lobo Antunes' book *The Land at the End of the World* – it was rather symbolic to discuss these complex issues within the Maumaus Study Programme with students both from Portugal and abroad. Now, times have changed and there is clearly a broader interest in this topic. A lot of artists and institutions feel the need to engage with the colonial, post-colonial and neo-colonial. [...]

To a certain extent, this discourse has become mainstream, or, excuse the sloppiness, the “flavour of the month”, as David Goldblatt once explained in the context of the hype around South Africa at a lecture at Maumaus – though these are issues for another interview.

We, at Maumaus, feel that our actions in the past, together with those of other institutions and personalities, contributed to making this possible, so that we can take a little credit for that broader consciousness today. [...]

**When speaking on the specificity of artistic education, Andrea Fraser talks about a blatant contradictory function. According to an article published about five years ago, where you resort to this author, Maumaus fulfils the important task of “inverting the pyramid”. After a long period as the leader of this school, do you believe in artistic teaching as a deliberate denial of artistic teaching?**

It is interesting to rethink her statement in the light of the Bologna process and the so-called professionalisation of everything, including art. It seems that we have to live in a professional way and that being an artist has become one more profession among others. Such “professional” production of meaning in fine arts, with its apparent preference for



Participantes do programa visitando / Program participants visiting Allan Sekula's *The Dockers' Museum*, Lumiar Cité, Lisboa/Lisbon, 2013. © The Estate of Allan Sekula (fotografia/photo: DMF)

promotional language over “difficult” critical and even experimental language, might impoverish the artistic landscape in the long run. Perhaps genuine experimentation has to take place somewhere else, which would mean the art world as we have known it for the last century is dismantling itself. [...]

He [João Fernandes] warned us about creating a kind of a simulacrum of the art world instead of questioning its *modus operandi*. Today, the Study Programme has shifted focus away from producing exhibitions towards a more theoretical (and maybe more introverted) approach. In some ways this has also meant that the visibility of the Programme has diminished. We reserve quite a lot of time in our curriculum for deep thinking about possible alternatives to art and exhibition making. Today, most of our participants (this year we had fourteen from eight different countries) are disenchanted with the existing systems and long for a place

where thinking about alternatives is encouraged – even if they have to throw a lot of ideas internalised from art school overboard, which psychologically is not an easy task to do.

The phrase “turning the pyramid upside down” is taken from an interview with Jean-Marie Straub and Danièle Huillet in which they refer to Brecht's notion of the real linked to the individual. About how the individual has to be dug out from under the rubble of the “matter-of-fact” in order to set it in relation to the universal. They evoke that the pyramid has to be put on its head if we want to move forward. So taking a specific interest in, let's say, “colonialism” is not only for its own sake, but to set it in relation to the universal. In that way reflecting on colonialism allows me to think about the conditions of my being in a broader sense beyond colonialism.

**“[...] Lisbon is not fashionable – so far – in the sense that what may bloom today is out of fashion tomorrow; you can find in Lisbon a certain calm beyond the spectacle [...]”. This is what you said an interview six years ago on the topic of cultural activity and the capital's art scene. Lisbon in the meantime has assumed the role of “New Capital of Cool” [The Guardian] and even the “New Berlin” [CNN]. What Lisbon is this?**

Yes, and more and more of our international participants of the Maumaus Programme decide to stay in Lisbon, to live here after they have concluded it. So we have partially contributed to this. But what is in fashion today might be out of fashion tomorrow. Thinking about Amsterdam and Barcelona, though, the situation might well continue for quite a while. The spectacle has arrived and is in full swing. Peter Friedl, quite a keen observer and a very cosmopolitan traveller, felt that the Portuguese people in Lisbon seem to keep their cool and appear fairly indifferent to these changes (at least in public). Our exhibition space Lumiar Cité is an area where tourists – if they are tourists – only go if they are really interested in art. Our exhibition programme doesn't fit with the logic of “time out” magazines. But maybe a gated replica of Lisbon's picturesque downtown could be built in one of the outer suburbs, on one of the hills, or on the other side of the Tejo river – a Las Vegas-like copy to channel some of the people arriving at the Humberto Delgado Airport without them having to confront the 28 Tram pickpockets.

**Maumaus announced three months ago on a Facebook post that it was being evicted from the building it has been yours since the foundation. What will become of Maumaus? How do you fit in this new Lisbon?**

We are working hard to resolve this problem and are asking everybody who is interested in the existence of Maumaus for their help to find a workable solution. The sympathy we received after this announcement was incredible. Even though the announcement was written in Portuguese, we received messages from all over the world from people who were upset and worried and who offered us all kinds of support. The reaction in Portugal has been tremendous and we are touched by how people have expressed their solidarity – this



has come from many people, not only from ex-students and people in the art world. We at Maumaus in close collaboration with a lot of artists, art historians, curators, philosophers and sociologists as well as partner-institutions inside and outside Portugal – please excuse my lack of modesty – have achieved a lot and we are not going to be derailed by this particular unfortunate situation. On the contrary, we are confident that we will improve our infrastructure substantially and will play a role in co-shaping that future new Lisbon you mention – from a constructive critical perspective, of course. //

Entrevista na íntegra em: / Full interview at:  
<http://umbigomagazine.com/jurgen-bock>

